

# A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Crizeide Miranda Freire (UNEB)

[crizfreire@hotmail.com](mailto:crizfreire@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo objetiva sinalizar reflexões sobre as atividades desenvolvidas com alunos do curso de Letras no DCHT- XXIV, no componente Tipologia/Gênero Textual, com a perspectiva de redimensionar as propostas de regência do Estágio Supervisionado IV, a ser realizada no Ensino Médio. Durante a observação das aulas desses discentes no estágio anterior, verificamos a carência nas atividades propostas, no que tange à escolha dos gêneros textuais e sua utilização em sala de aula. Há uma diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade e, torna-se imprescindível, a esses acadêmicos, futuros professores de Língua Portuguesa, terem conhecimento desta variedade, compreendendo, através dos estudos teóricos realizados no componente, a importância da circulação dos gêneros na formação de sujeitos leitores e produtores de texto. Através da investigação, análise, descrição e interpretação dos fatos, entendemos que esta pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, vem contribuir com o processo de formação dos discentes/docentes no curso de Letras.

Palavras Chave: Gênero Textual, Formação de professores, Estágio.

## INTRODUÇÃO

As dificuldades inerentes ao ato de ensinar são muitas. Dificuldades essas que levam o professor a tornar-se um aprendiz constante, que busca, através de uma formação continuada, atualizar-se e encontrar novas maneiras não de ensinar, mas de trocar informações com o seu público, que vive a frente de uma realidade dinâmica e em constante movimento.

E o que dizer daqueles que, ainda na academia, ouvem as mudanças, discutem as teorias e não demonstram segurança suficiente para exercerem seu ofício? Assim acontece com os licenciandos durante as etapas de estágio; ao ministrarem suas aulas, apresentam várias dificuldades, dentre elas a escolha dos gêneros a serem trabalhados.

Diante dessa situação, os futuros professores de língua portuguesa, desenvolviam seu estágio com propostas insipientes, na sua maioria, em virtude da má escolha dos gêneros

textuais o que comprometia o andamento do processo. Na tentativa de rever esta situação, nos propomos a refletir sobre as propostas do componente Estágio e percebemos a necessidade de discutir, de forma mais aprofundada, as teorias sobre gêneros para que os discentes tivessem mais conhecimento sobre a temática e a utilizassem durante a regência.

## **1 GÊNEROS TEXTUAIS: O QUE PRECISAMOS SABER**

Nesta seção, de forma breve e aportada em alguns teóricos que discutem a temática, propomos uma reflexão sobre as concepções em torno dos gêneros textuais, as proximidades entre elas e sua importância no processo ensino/aprendizagem e na formação inicial dos futuros professores de Língua Portuguesa.

Inicialmente, a palavra gêneros era utilizada pela retórica e pela teoria literária com o sentido especificamente literário, para identificar gêneros clássicos – o lírico, o épico, o dramático – e os gêneros modernos, como o romance, o conto, o drama. Mediante os estudos de Mikhail de Bakhtin, o termo passou a se referir a textos orais ou escritos concretizados em eventos comunicativos, que fazem parte situações de nossa vida diária, cotidiana, relacionados aos fatores históricos, sociais e culturais.

Segundo Bakhtin (2003) qualquer enunciado considerado isoladamente é individual. No entanto, cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo por isso denominado gêneros do discurso. Ou seja, o que cada locutor pretende dizer se efetiva na escolha do gênero e, essa escolha ocorre em função da especificidade de um dado campo discursivo, como o tema e, dos participantes da interação.

Para Marcuschi (2003) os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social, fruto de um trabalho coletivo, que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades cotidianas. Assim, o autor define gênero textual como:

[...] uma noção propositalmente vaga para referir os textos *materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2002, p.22-23, grifo do autor).

Os gêneros textuais são realizações linguísticas, entidades sóciodiscursivas, formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa, eventos textuais maleáveis plásticos e dinâmicos. Os gêneros não se caracterizam por aspectos formais e funcionais,

situam e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem e se caracterizam mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas particularidades linguísticas e estruturais (MARCUSCHI, 2002). Ainda destaca que os gêneros:

[...] são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e produção de sentidos”, ou ainda “são formas verbais de ação social relativamente estáveis em textos situados em comunidades de práticas sociais em domínios discursivos específicos (MARCUSCHI, 2005, p.25).

Na perspectiva apontada por esse teórico, o gênero é evidenciado como uma ação social, o pensamento é voltado para uma visão histórica e cultural, que faz do sujeito o agente do seu próprio discurso situado no tempo e no espaço, que sugere a responsividade como ação propiciadora do processo dialógico em circunstâncias de uso da língua.

Essas e outras perspectivas em relação à discussão de gênero tomaram maior visibilidade, principalmente entre pesquisadores brasileiros, ao serem sinalizadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), ao definir a linguagem como um processo de interlocução que se realiza nas diversidades de práticas sociais existentes na sociedade, em momentos distintos da história. Sendo assim, ao fazermos uso da linguagem estamos fazendo uma atividade discursiva.

Mediante interação entre os sujeitos, percebe-se a interação entre o conhecimento dos assuntos por parte dos interlocutores, bem como o grau de familiaridade e a forma como se determina a escolha dos gêneros, qual o discurso se realizará na comunicação (PCNs, 1998). A publicação das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, pelo Ministério da Educação (Brasil, 2006) veio reafirmar, no âmbito brasileiro, o papel do conceito de gênero como recurso pedagógico para o ensino de como a linguagem funciona:

[...] a ênfase (...) dada ao trabalho com as múltiplas linguagens e com os gêneros discursivos merece ser compreendida como uma tentativa de não fragmentar, no processo de formação do aluno, as diferentes dimensões implicadas na produção de sentidos. (BRASIL, 2006, p.28)

[...] o objeto de ensino privilegiado são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem. (BRASIL, 2006, p.36).

Por sua vez, esses parâmetros sugerem mudanças significativas, uma configuração onde o sujeito precisa saber expressar-se em diferentes contextos, sejam estes formais ou informais, orais ou escritos, compreendendo seu interlocutor e buscando ser compreendido. Para Bronckart (1994, *apud*, SADOYAMA), os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões, para cuja execução ele necessita ter competência; a primeira das decisões é a escolha que deve ser feita a partir do rol de gêneros existentes, ou seja, ele escolherá aquele que lhe parece adequado ao contexto e à intenção comunicativa; e a segunda é a aplicação que poderá acrescentar algo à forma destacada ou recriá-la.

Muitas indagações devem ser feitas acerca dos gêneros textuais: outros conceitos, classificações, relação e distinção em relação às tipologias. No entanto, vale ressaltar que é, na prática social, no contexto interativo, da dialogicidade e do desenvolvimento humano que os gêneros são concebidos para além do texto, da função, do lugar da interação.

## **2 A FORMAÇÃO INICIAL E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

As discussões sobre a formação de professores não param, dia após dia novas ideias surgem, velhos problemas são recolocados em evidências, as teorias são revistas, na tentativa de contribuir com o processo de formação inicial dos docentes, levando-os a se apropriarem de instrumentos de ensino que o ajudem no âmbito de sua atividade profissional.

Em relação às práticas didático-pedagógicas de Língua Portuguesa, é preciso considerar a heterogeneidade de textos existentes em nossa sociedade e levar em conta a necessidade de tornar os discentes proficientes na leitura e produção de textos. O desafio dos docentes está, dentre outras instâncias, em criar situações em sala de aula que permitem aos alunos a apropriação desta diversidade de ações; pois, essa apropriação não pode estar limitada ao que os livros didáticos trazem, nem ao que oferecem como atividades, mas ao se depararem com situações concretas e do nosso cotidiano.

Trabalhar os gêneros textuais em sala de aula é uma oportunidade interessante de se lidar com a língua nos seus mais diversos usos do cotidiano. Se a comunicação se realiza por intermédio dos textos, deve-se possibilitar aos estudantes a oportunidade de produzir e compreender textos de maneira adequada a cada situação de interação comunicativa, promovendo atividades em que os alunos leiam textos nos respectivos suportes em que foram publicados, como uma forma de compreender melhor carga sócio-cultural, historicamente construída em cada gênero.

A melhor alternativa para trabalhar o ensino de gêneros textuais é envolver os alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar. É necessário ter a consciência de que a escola é um “autêntico lugar de comunicação” e as situações escolares “são ocasiões de produção e recepção de textos” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 78).

Precisamos ter objetivos claros ao trabalharmos com gêneros textuais, qual perspectiva discutir, em virtude de vertentes teóricas diferentes. Como afirma Brait (2007, p.122), “a noção de gêneros vai depender de um ponto de vista sobre a linguagem, traduzindo-se, conseqüentemente, sob diferentes pontos de vista; funcional, enunciativo, textual, comunicacional, por exemplo”. E, neste caso, estas bases precisam estar correlacionadas à concepção de ensino/aprendizagem, onde os integrantes do processo educacional são interlocutores e produtores do seu discurso.

Abordagens pautadas em estudos de gêneros textuais potencializam investigações para que a pesquisa e a prática pedagógica possam ir além das regularidades típicas dos gêneros, permitindo explorar, também, as regularidades nas esferas sociais, onde os gêneros são utilizados. A imensa diversidade de gêneros forma a língua e, sabemos que, gêneros não são entidades fixas, que permanecem estáticos, independentemente do tempo e das mudanças ocorridas na sociedade. Sabemos que, ao contrário de serem estáticos, há gêneros que desaparecem e outros que nascem, dependendo das necessidades dos falantes que os utilizam.

Neste contexto, entendemos que a inserção dos gêneros textuais no ensino vem mudando a dinâmica da educação em língua portuguesa em nosso país. A importância de se trabalhar a língua em uso, através de textos e dos gêneros nos quais eles se manifestam, tem mobilizado professores e educadores, que procuram adaptar-se a essas novas perspectivas. Contudo, esse percurso não vem sendo fácil. A falta de conhecimento científico e de preparo dos profissionais da educação em lidar com as novas demandas tem, na verdade, reproduzido o ensino tradicionalista em que a internalização de regras, de uma gramática descontextualizada e uma visão estática da língua, dominam o contexto da sala de aula.

Como bem sinaliza Tardif e Lessard (2005), ensinar é agir na classe e na escola em função da aprendizagem e da socialização dos alunos, agindo sobre suas capacidades de aprender, instruindo e orientando-os através de programas, métodos. Sendo assim, é preciso “ensinar” gêneros textuais durante a formação inicial, para que esses professorandos escolham suas bases teóricas, norteiem seus planejamentos em função de uma prática social, histórica e cultural como é o texto nas diversas formas e funções que se apresentam, mediante as situações em que estão envolvidos.

Pesquisas realizadas no contexto do ensino de língua portuguesa continuam constatando a permanência de práticas tradicionais adotadas por muitos professores. Segundo Irlandé Antunes (2003), as aulas de língua portuguesa pautadas numa concepção tradicional de educação, centralizam-se no estudo das nomenclaturas e classificações com exemplos soltos e descontextualizados, fora da realidade do educando, ou melhor, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação utilizada diariamente. Desse modo, essas práticas direcionam o sujeito, para um conhecimento restrito e artificial a língua, gerando nos discentes a dificuldade de refletir, compreender, interpretar e produzir gêneros textuais diversos.

A linguagem se realiza de diferentes formas e precisa ser desnudada pelo profissional envolvido no processo ensino/aprendizagem. Através de uma prática de leitura, de construção e desconstrução dos textos, o sujeito aprendiz, será capaz de ampliar seus conhecimentos e seu potencial de criticidade, em face da diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente, tendo seu uso atrelado as situações sociocomunicativas que estão expostos e que precisam de interlocutores, agentes e reagentes para explorá-los.

Assim, faz-se mister, preparar os estudantes, futuros professores de língua, sobre os aspectos da linguagem, oferecendo recursos que para exercer as diversificadas formas de letramento, bem como compreendam a dinâmica dos gêneros textuais e sua circularidade social, na perspectiva de fazerem uso dos mesmos em suas propostas de ensino, pensando na funcionalidade do texto e importância deste para a discussão proposta.

### **3 O COMPONENTE GÊNERO TEXTUAL COMO AUXÍLIO PARA O ESTÁGIO**

Ao desenvolvermos o programa de Estágio Supervisionado colocamos como uma das atividades do componente, oficinas de gêneros textuais, como revisão e auxílio aos alunos na elaboração e execução do planejamento para regência. Contudo, ao analisamos os projetos de estágio e, durante as observações dos estagiários, percebemos que, muitos dos gêneros escolhidos não favoreciam o trabalho proposto, não atendendo às necessidades apresentadas pelo grupo.

Conversando com os alunos durante a produção dos projetos para compreender a relação entre a escolha dos conteúdos e com os procedimentos didáticos, eles relataram que, a seleção dos gêneros era feita: pelo professor regente, seguiam a indicação do livro didático ou buscavam os gêneros mais fáceis de serem encontrados e trabalhados com a classe. Com estes

critérios de escolha, percebemos a dificuldade de êxito que o projeto de regência teria a ser executado.

Diante desse fato, ficou evidente com os relatos dos discentes que, as discussões iniciais feitas no componente de Estágio não estavam atendendo ao propósito: auxiliar os alunos na escolha da metodologia, nos instrumentos e teorias que contribuíssem, efetivamente, durante o período de regência. Era preciso repensar o planejamento, buscar alternativas que ajudassem os discentes durante os estágios supervisionados, pois, como alerta Padilha (2001) o ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação.

Assim, conscientes desta deficiência, conversamos com os professores da área sobre a situação, em seguida solicitamos que fosse ofertada no semestre seguinte o componente Tipologia Textual<sup>1</sup>, para que pudéssemos discutir melhor as teorias dos gêneros, que corresponde, segundo Scheneuwly (2001), a uma caixa de instrumentos a ser utilizada pelo aprendiz durante este período de formação inicial.

O trabalho com o componente foi desenvolvido com duas turmas do oitavo semestre do curso de Letras Vernáculas (Habilitação para Língua Portuguesa e Literaturas), do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – DCHT\_ XXIV, Xique-Xique, na Universidade do Estado da Bahia- UNEB. As turmas eram pequenas, perfazendo um total de trinta e oito alunos, distribuídos nos turnos vespertino e noturno.

Mediante a grade curricular, o componente oferecido para esta turma deveria ter uma carga horária de trinta horas, sendo necessário fazer um recorte nas discussões sobre gênero, redimensionar o conteúdo, de forma a colaborar com os discentes/estagiários durante a regência de estágio. Assim, fizemos a seleção do conteúdo a ser trabalhado e discutimos com o grupo, pois a proposta deveria estar a serviço do estágio, sendo seu primeiro momento de transposição, a elaboração do projeto de regência.

A proposta do componente Tipologia Textual foi encaminhada à docente encarregada do componente estágio, para análise e considerações, como forma de garantir que estávamos inserindo em nosso plano, uma proposta que colaboraria para que os discentes repensassem seu planejamento e tivessem maior êxito em sua execução durante o Estágio Supervisionado.

---

<sup>1</sup> A disciplina tem este nome por já ter sido cadastrada e fazer parte fluxograma do Curso, criado quando as discussões sobre gênero ainda não estavam intensificadas em todos os espaços acadêmicos, sendo, portanto, a diversidade de texto chamada de tipologias textuais ao invés de gêneros textuais.

Estando todos os envolvidos cientes e de acordo com a proposta, iniciamos as discussões previstas com a explicação sobre o porquê do nome do componente, seguida dos conteúdos pontuados no planejamento:

1. **Concepções e funcionalidades dos gêneros e tipos textuais**, tomando como base alguns teóricos tais como: Marcuschi (2003; 2005; 2010), Dionísio e Bezerra (2007), Koch (1997; 2006; 2010), Bazerman (2005) entre outros. Através das leituras individuais e coletivas, percebemos que falar de gênero é pensar sobre a língua e suas diferentes formas de manifestações, dependendo da cultura, dos aspectos sociais em que utilizamos a linguagem, nas mais variadas situações cotidianas. O gênero, sendo este primário (provem de situações de comunicação verbal espontânea) ou secundário (utilizado numa configuração de linguagem mais elaborada e complexa através da escrita) é diverso, e determinado pela situação sociocomunicativa, diferente dos tipos textuais, sequências linguísticas (narração, argumentação, exposição, descrição e injunção) presentes nos gêneros.
2. Discussões acerca da importância de compreender sobre os **suportes e esferas dos textos**. Assim como por muito tempo usou-se a expressão tipologia textual como uma função social e os gêneros eram relacionados aos aspectos literários, é preciso entender que não é mais aceitável, por exemplo, conceituarmos o jornal como um gênero. Sabe-se, contudo que este, diz respeito a um suporte onde encontramos uma gama de gêneros, com variadas funções sociocomunicativas.
3. **Recursos textuais: intertextualidade, heterogeneidade e intergenericidade**. Sabemos que na produção de um texto há vários recursos que podemos dispor, um deles é a intertextualidade, a relação de um texto com outro, que se apresenta de forma implícita ou explícita. Nesse processo estilístico um gênero pode assumir a forma de outro, com um propósito comunicativo diferente do habitual, promovendo uma intertextualidade intergêneros. Conhecer um gênero e, perceber em sua forma uma heterogeneidade tipológica, nos auxilia a contribuir para que o sujeito tenha a possibilidade de conhecer uma diversidade de gêneros e suas relações com o cotidiano.
4. Cada assunto trabalhado deveria ser pesado na perspectiva da transposição didática, fazer relação direta entre **os gêneros textuais e o ensino de língua**, repensar a prática docente, tendo como foco o planejamento de regência e a execução da proposta de ensino, através das orientações compartilhadas no componente Estágio



Supervisionado. O estudo de gênero possibilita aos discentes uma ampliação da competência linguística além de direcionar há formas diversas de participação social.

Através desse conjunto de atividades individuais e coletivas, do desenvolvimento de leituras, debates, produções e oficinas, os licenciados tiveram a oportunidade de experienciar novas abordagens dos gêneros, compreendendo sua função social com maior clareza. Mediante esses novos conhecimentos, os discentes conseguiam vislumbrar outras possibilidades a serem pontuadas nas sequências e executadas neste período de regência.

Destarte, o redimensionamento das propostas de regência era o propósito maior desse componente, em consonância com as revisões ocorridas nas discussões do componente Estágio, os projetos eram elaborados com maior rigor, ao buscar gêneros que, realmente contribuíssem com as temáticas e conteúdos a serem discutidos. Sem dúvida, o estudo dos gêneros possibilitará aos estagiários compreender melhor o que acontece com a linguagem quando a utilizamos em uma determinada situação, percebendo que enquanto língua em constante modificação, a língua portuguesa não pode ser discutida fora de um contexto, num processo sociocomunicativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito mostrar a importância da discussão sobre as teorias de gêneros textuais na formação inicial, em particular aos estudantes/estagiários de Língua Portuguesa, buscando auxiliá-los na produção do projeto de regência e durante seu processo de execução.

Constatamos com as proposições apresentadas ao longo do texto que, enquanto ações sociocomunicativas, os gêneros textuais são instrumentos fundamentais e versáteis no processo de ensino/aprendizagem de língua materna. Devem ser vistos como ferramentas de socialização, utilizadas no processo de compreensão, produção e interação, nas diferentes formas de comunicação social que participamos, de maneira a habilitar o sujeito a circular de consciente e criticamente nos diversos propósitos comunicativos em que possa se envolver.

Durante o desenvolvimento dessa proposta, buscamos possibilitar aos alunos, rever as teorias que sustentam a discussão de gêneros, suas concepções, as relações com outros elementos linguísticos, levando-os a partir daí, a refletir na escolha dos gêneros em suas propostas de regência, para serem capazes de ofertar ao seu grupo de trabalho, um envolvimento em situações concretas, nas mais reais possíveis de uso da linguagem.

Entendemos que o estudo da Língua Portuguesa balizado m na perspectiva dos gêneros textuais, é um grande e significativo passo em relação à prática educativa, que leva a inserção social do sujeito mediante sua compreensão efetiva do uso do gênero no seu cotidiano.

Vale ressaltar que, embora tenhamos garantido a discussão da importância do estudo de gênero no processo ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, esperamos que estes discentes, compreendam a necessidade da formação continuada, pois este processo inicial contribui para que possamos dar os primeiros passos envolvido nos aspectos teóricos, mas ainda insuficientes para a profundidade da discussão e mesmo, por compreender que enquanto mediadores e formadores de opinião, o professor deve estar a serviço do aprendiz e na interlocução desse com seus pares.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, B. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. (org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 15-25.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006, volume 1.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.) **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2011, p. 137-152.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In DIONISIO, A. P. et al (orgs). **Generous textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. P. 22 e 23.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

SADOYAMA, Adriana dos Santos Prado. **Gêneros textuais e ensino de língua portuguesa.**  
[http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/adriana\\_santos.pdf](http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/adriana_santos.pdf).

SCHENEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.